A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA A PARTIR DA VISÃO DO ESTUDANTE.

Francisco Marcos Oliveira Lima [1], Elisabette Djenaba Cudango [2], Roberto Kennedy Gomes Franco [3]

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo principal chamar as atenções dos alunos do ensino médio de História, da Escola Padre Saraiva Leão, para o preconceito e a discriminação histórica com a população e cultura indígena no Ceará, e também no Brasil. Tal atividade se desenvolveu por intermédio do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID, na turma do tempo eletivo de História denominada de "Memória e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Portanto, buscando a quebra das amarras culturais que prendem e mitificam a cultura indígena, e partindo do pressuposto de uma aula dinâmica e interativa com os alunos do ensino médio da escola Padre Saraiva Leão o artigo buscou instigar os jovens do ensino médio e despertar, bem como promover nos mesmos a exposição de ideias e a construção de um diálogo pacífico, amistoso e produtivo sobre o lugar que o indígena ocupa em nossa sociedade, sempre vinculado as dinâmicas da natureza, ao primitivismo, e às atividades artesanais associadas principalmente a caça e a pesca como os produtos mais importantes e necessário a sua subsistência e à produção de manufaturados, nunca ocupando assim o papel de protagonista no meio urbano e sempre condenado ao não progresso, como resquícios e herança de uma má qualidade da rede de ensino, bem como uma série de outros fatores sociais. O indígena é reduzido à imagem do bom selvagem e, muitas vezes, romantizado.

Palavras-chave:

identidade. indígena. senso comum.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente, e-mail: marcosoliveira12393@yahoo.com.br
[2] Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira , Discente, e-mail: cudango94@gmail.com
[3] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Docente, e-mail: robertokennedy@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A problemática deste trabalho desenvolvera-se a partir de uma atividade sobre a identidade, bem como as características e aspectos do que definem o que é ser indígena no Brasil, buscando instigar os estudantes do ensino médio a respeito da pessoa do índio em nosso solo brasileiro, e, criticar as principais atividades e peculiaridades que regem o imaginário do senso comum das pessoas a cerca do indígena.

Apresentamos a temática sobre a identidade indígena no Brasil aos alunos da escola Padre Saraiva Leão, instituição escolar que fora a pioneira no ensino formal na cidade de Redenção, Ceará, contando hoje com 102 anos de fundação. Fora também neste prédio que teve a primazia de uma de suas salas ter sido o palco do grande feito abolicionista. (FATI, 2017, p. 02).

METODOLOGIA

A partir dos discursos e dos pensamentos expressos pelos alunos, este labor buscou refletir quais as visões criadas pelos estudantes, e pelo senso comum, a respeito da identidade indígena e que norteiam o imaginário destes mesmos discentes adolescentes, e, partindo, com isso, à comparar estas caracterizações dadas com as reais reivindicações sociais que próprios indígenas reivindicam e expressam seus verdadeiros aspectos de povo aborígene. Foi-se construído com os mesmos uma espécie de árvore genealógica onde eles diziam os aspectos, fenótipos e as características mais marcantes identitariamente da cultura indígena.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A respectiva temática foi pensada e problematizada em sala de aula pela experiência do PIBID, nossa atividade buscou instigar os estudantes a respeito da pessoa do índio em nosso solo brasileiro, a dinâmica se deu da seguinte forma; apresentamos a temática do índio no Brasil aos discentes da escola Padre Saraiva Leão, uma escola do ensino médio em tempo integral, também é a pioneira do ensino formal na cidade de redenção, contando hoje com 102 anos de fundação desde 1915, com o título de escola pública de redenção a qual a qual teve a primazia de uma de suas salas ter sido palco de grande feito abolicionista (FATI;2017,p.02), aplicamos a oficina especificamente os alunos da turma de tempo eletivo de história, da disciplina “Memoria e cultura Afro Brasileira e Indígena “.

O formato da sistematização metodologia foi adotado com base na experiência durante a nossa atuação como bolsistas do PIBID que nos proporciona este instinto de ensinar e dar aula.

A proposta foi para os alunos ler um texto base, em seguida eles deveriam responder um pequeno questionário com base no texto e com suas experiências de vida, as perguntas eram bem básicas e pouco aprofundadas, e variavam desde: “o que é uma etnia”? Ou você conhece algum indígena famoso e o que a mídia mostra sobre os índios?”.

É importante salientar que de fato alguns alunos tiveram dificuldades em responder questões tão básicas, outros responderam bem e uns poucos não demonstraram interesse na atividade desenvolvida em sala, desde já ressalto que de fato boa parte dos alunos se tem alguma dificuldade de se expressar e expôr suas ideias, em seguida a proposta foi que fizessem um desenho que na visão e concepção deles caracteriza o índio no Brasil, eles dispuseram de papel e lápis de cor e então puseram-se a trabalhar como “verdadeiros artistas”,

em seus desenhos tinham nuvens chovendo árvores e muita floresta, ocas e casas feitas de barro e coberta de palha de coqueiro, desenhos de mandioca, arco e flecha e índios com lanças nas mãos, índios pescando e caçando, penas de animas, violão e tambores e por fim, um cocar de um chefe indígena, tentaram fazer mais ou menos tudo que caracteriza um índio.

Tanta criatividade foi e é plausível, porém foi objeto de discussão a partir daí, o porque que eles não saíram do senso comum, pois naquelas imagens não se via um índio andando em um carro esportivo, usando um celular bacana, ocupando cargos públicos e posições no governo Federal e etc, a partir desse momento o diálogo foi se construindo e os alunos foram articulando suas ideias, começaram a concordar conosco, nós os explicamos que esse nosso pensamento de querer reproduzir o índio em meio a natureza é uma forma de exclusão e grave preconceito, ainda que não tenhamos "a maldade" de fazê-lo, este preconceito se reproduz subjetivamente e involuntariamente, pois todas as vezes que isolamos a pessoa do índio aquele mundo mítico da floresta e suas atividades artesanais, e não permitimos que ele ocupe todos os lugares da sociedade estamos sendo no mínimo egoístas e superficiais, o índio é um ser humano como qualquer um de nós e seu lugar é onde ele queira estar, não devemos ver o índio como uma figura homogenizada e distante na história do Brasil: ora como não civilizado, ora como bom selvagem romantizado e quase nunca como sujeito histórico, participativo e presente.

No que diz respeito ao índio no Ceara, tentamos trazer um pouco das suas diversidades e também seus grupos étnicos em diferentes localidades do estado, sem esquecer de apontar as línguas faladas entre ele que serve como um elo de comunicação. Conforme o estudo aponta 14 grupos étnicos existente espalhados em 18 diferentes municípios, são elas: Capeba, Tremembé, Pitaguary, Jenipapo - Kanindé, Kanindé, Potiguara, Tabajara, Kalabaça, Kariri, Anacê, Gavião, Tubiba Tapuia, Tapuba Kariri, de acordo com a Fundação Nacional do Índio (Funai).

Essa atividade serviu para que construíssemos um diálogo proveitoso, e também para que nós pudéssemos quebrar esse preconceito involuntário que habita em nós, e assim portanto, instigar os alunos a pensarem nas superficialidades que nos cercam, e que se não estivermos atentos caímos nelas, a todo instante devemos estar prontos a fugir dos estereótipos e pensar criticamente a volta do dum imaginário construído para inferiorizar este grupo.

CONCLUSÕES

Partindo das características situadas pelos alunos entendeu-se que a lógica do senso comum permanece enraizada e coercitiva do imaginário popular. "Porque ele é do mato", essa foi a frase mais marcante que se pôde ouvir naquele dia, quando perguntado a razão de os indígenas não poderem, ou pelo menos não se ver cotidianamente, eles desfrutarem dos mesmos bens e serviços que o restante da população brasileira goza. Embora tal frase seja produto de um desconhecimento, esta quando sustentada e reafirmada gera ainda mais a ideia de racismo e preconceito histórico para com a população indígena no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente à Deus, pela energia que deram durante o trabalho, aos nossos professores e supervisora pela orientação que nos proporcionaram e aos nossos colegas do Pibid pela dedicação nos trabalhos que desempenhamos juntos.

REFERÊNCIAS

LEITE, Y. F.; Índios do Nordeste. Brasília - DF: série linguística n. 8, 1978 (Tradução/Artigo).

RONCO, A. .P.; CHAVES, L. A.C.. IDENTIDADE INDÍGENA, DIREITOS E QUESTÃO TERRITORIAL. Revista Augustus (Rio de Janeiro. Impresso), v. 17, p. 87-98, 2012.